

## Violência X violência: análise do conto “Esses Lopes”, de Guimarães Rosa

Alexandre Vilas Boas da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

O presente artigo objetiva realizar uma análise do conto “Esses Lopes”, de João Guimarães Rosa. No texto literário em questão, o leitor se depara com uma narradora-personagem, a Flausina, que relata as diversas formas de violência vividas em sua juventude; bem como o detalhamento dos artificios, por ela utilizados, para se livrar de seus sofrimentos. Para tal análise, primeiramente, será observada a opção narrativa do autor, recorrente em sua obra, em uma breve tentativa de localização da obra de Rosa no panorama literário brasileiro. Em seguida, será destacada a importância, para a construção do enredo, desta modalidade de narrador, que conta uma história da qual participou como protagonista. A análise segue com a evidência da pertinência, ainda atual, da abordagem da violência contra a mulher – tema que é tratado no conto em questão. Nesta análise será destacado, ainda, o modo pelo qual a narradora tenta superar seus traumas a partir da concretização de planos ardilosos e fatais contra seus opressores, tentando justificar, em seu discurso, suas ações, também violentas. Empregam-se considerações teóricas de Bosi (1988), Genette (19--) e Reis; Lopes (1988), para auxiliar a tarefa analítica. Espera-se, com o presente artigo, refletir acerca da opção do foco narrativo e sua pertinência para a construção dos significados no conto.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Tutameia. Conto. Violência. Narrador autodiegético.

Em sua obra ficcional, João Guimarães Rosa deu voz a um tipo de narrador que contribuiu para situá-lo em lugar de destaque no panorama da literatura brasileira de sua época: o narrador que conta fatos dos quais participou, como protagonista, que Gérard Genette (19--) classifica como narrador autodiegético. Mas, obviamente, a inovação de sua obra não se deu pelo fato de ter optado por um narrador que conta os fatos que vivenciou como protagonista. Um dos motivos que lhe legou tal destaque foi o rompimento de um preconceito linguístico existente em vários escritos regionalistas: a eleição de sujeitos cultos, da cidade, como narradores.

Já em Simões Lopes Neto, notava-se, em semente, a extinção desse preconceito, por meio de uma visão humanizada do homem, considerado antes como figura exótica, pitoresca – um eco do “bom selvagem” romântico. Em Guimarães Rosa – cuja literatura é reconhecida como de primeira grandeza –, percebe-se que foi atingida uma expressão plena dessa visão humanizada, formalmente manifestada pela construção de narradores autodiegéticos.

<sup>1</sup> Professor da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED). Doutorando em Letras - Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Londrina / Paraná (Bolsista CAPES/DS).

Essa modalidade de narrador que se volta para seu próprio passado e conta suas lembranças a um interlocutor, que não possui sua voz registrada no texto, pode ser encontrado em **Grande sertão: veredas** (1956). Nessa obra, o sertanejo Riobaldo, já envelhecido, narra, a um interlocutor da cidade, suas experiências de jagunço.

Para ilustrar a diferença do foco narrativo na construção do texto literário, é interessante fazer um breve paralelo entre **Grande sertão** e uma outra grande obra da literatura brasileira: **Vidas secas** (1938), de Graciliano Ramos. Nesse livro, há personagens retirantes, marginalizadas, caracterizadas por aspectos negativos e de privação – até mesmo de palavras. Já na obra de Rosa, vê-se um sertanejo eloquente, que, tanto relata suas experiências, quanto expressa suas dúvidas, angústias, traumas e medos. Alfredo Bosi, em seu ensaio **Céu, Inferno**, constata tal oposição, inicialmente, fazendo o seguinte comentário sobre a obra do autor alagoano: “Graciliano Ramos vê o migrante nordestino sob as espécies da necessidade. É a narração, que se quer objetiva, da modéstia dos meios de vida registrada na modéstia da vida simbólica” (BOSI, 1988, p. 10). Mais adiante, o estudioso comenta sobre as personagens da obra de Rosa que, igualmente, fazem parte de um mundo de privações, mas são vistas através de um olhar humanizado:

O narrador, cujo olho perspicaz nada perde, não poupa detalhes sobre o seu estado de carência extrema [da personagem]. Apesar disso, os contos não correm sobre os trilhos de uma história de necessidades, mas relatam como, através de processos de suplência afetiva e simbólica, essas mesmas criaturas conhecerão a passagem para o reino da liberdade. (BOSI, 1988, p. 22-23)

Essa diferença de perspectiva pode ser notada, à primeira vista, pela escolha do modo de narração. Enquanto em **Vidas Secas** a narração é feita, “de fora” e “do alto”, por uma terceira pessoa, aparentemente impessoal, em vários escritos de Guimarães Rosa ocorre o oposto, pois a narração, feita pela própria personagem, indica total identificação com o conteúdo narrado, como será mostrado mais adiante, na análise do conto “Esses Lopes”, do livro **Tutameia (terceiras estórias<sup>2</sup>)**, publicado, em sua primeira edição, em 1967.

A grande diferença, portanto, entre os dois autores é justamente a perspectiva narrativa adotada frente à “matéria regionalista”. Desse modo, observa-se que: “A necessidade é sempre um estado inicial; mas, diversamente do que ocorre com os cabras de Graciliano, ela não é definitiva nem imutável [em Guimarães Rosa]”. (BOSI, 1988, p. 26)

<sup>2</sup> A grafia “estórias” é adotada, neste trabalho, para fazer referência aos textos literários. Rosa grafava “estórias” para designar suas narrativas ficcionais, conforme a distinção feita no primeiro dos quatro prefácios de **Tutameia**: “A estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História.” (ROSA, 1968, p. 3).

Guimarães Rosa elegeu como figura de destaque em suas estórias, além do homem do sertão, personagens que normalmente estavam à margem, em situações desfavoráveis, ou de vulnerabilidade, como por exemplo, estrangeiros, índios, ciganos, crianças, serviçais, aleijados, doentes e cegos. No conto a ser abordado neste artigo, tem-se a figura de uma mulher oprimida pelas lembranças de seu passado, que relata os abusos que sofrera e os artifícios usados para reverter tal situação.

O conto escolhido para esta análise é **Esses Lopes**, um dos quarenta contos de **Tutameia**. Nele, Rosa deu voz a uma narradora-personagem que conta sua própria estória a um interlocutor inominado. Esse procedimento narrativo faz parte de sete contos dessa obra rosiana e traz para a narrativa uma visão “de dentro” da estória<sup>3</sup>. Nesse conto, a narradora relata a situação traumática pela qual passou, tratando de um assunto vigente até nossos dias: a violência, por vezes silenciosa, contra a mulher. Nesse caso, o universo ficcional literário dá margem para tratar de um assunto delicado, que talvez a própria sociedade da época não atribuísse a devida atenção.

Deixando brevemente o campo literário e observando as práticas sociais e políticas, nota-se, nas últimas décadas, uma maior preocupação com a questão da violência contra mulheres no Brasil, como é possível observar, a partir da criação de dispositivos legais para aumentar o rigor na punição de crimes contra a mulher, como, por exemplo, a Lei 11.340/06, conhecida como Lei Maria da Penha. De modo semelhante, a instituição de delegacias da mulher demonstra maior atenção ao problema. O anseio de mudança pode ser notado ainda com a criação de diretrizes e políticas públicas para as mulheres, incluindo formas de enfrentamento às formas de violência contra as mulheres, que constituem “uma das principais formas de violação dos seus direitos humanos”. (BRASIL, 2008, p. 95) No entanto, apesar dos esforços de diversos movimentos sociais e instituições, a violência contra as mulheres ainda se faz presente, como atesta, segundo Gonçalves (2013), Eleonora Menicucci, ex-ministra da Secretaria de Políticas para as Mulheres.

Voltando ao universo ficcional dos contos de Guimarães Rosa, nota-se sua ambientação em um momento anterior a esse descrito acima, em que a personagem precisa se valer de seus próprios métodos, ainda que violentos, para se livrar da opressão, da angústia e do sofrimento que causam sua opressão. Em **Esses Lopes**, o ato narrativo tem por objetivo exteriorizar as mágoas e os abusos sofridos, contidos por anos a fio pela, então, jovem protagonista – agora, mulher madura, convertida

---

<sup>3</sup> Parte da discussão realizada neste artigo integra a dissertação de mestrado do autor, intitulada **Narradores Autodiegéticos Presentes em Tutaméia (terceiras estórias), de João Guimarães Rosa**. A referida dissertação foi realizada, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Londrina, sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Adelaide Caramuru César, e publicada em 2005.

em narradora de sua própria história de vida. Sua narração funciona como uma espécie de catarse para o trauma do passado. De acordo com o Dicionário Houaiss Eletrônico, a etimologia da palavra trauma está ligada ao termo grego *traûma*, significando “ferida, avaria, derrota, desastre”.

A narradora retorna aos seus anos de juventude, percorrendo, com a narração, o período de longos anos, até remeter seu relato ao momento atual, em que fala já envelhecida. Nesse momento, em busca de mais sentido para sua vida, faz planos para o futuro e dirige suas palavras diretamente ao(s) interlocutor(es), que permanece(m) indeterminado(s) na história. Sua narração é, até certo ponto, marcada pelo estado de inquietação emocional, pelo rancor diante da violência vivida, mas, ao final, passa a ser marcada pelo tom “otimista”, diante da possibilidade de mudança. A narradora tenta reverter o seu passado de lembranças infelizes, utilizando-se de outros meios, sempre ardilosos, como será evidenciado a seguir.

No conto em questão, encontra-se a narração de Flausina, mulher de origem humilde, que, desde a mocidade, se viu como “propriedade” dos poderosos homens da família Lopes. Em sua exposição, retoma o modo pelo qual exterminou, um a um, os seus parceiros, até tornar-se mulher de muitas posses. Em seu discurso, marcado pela emoção, pelo rancor e pela indignação, conta como conseguiu transformar seus sofrimentos em vitória, a partir do plano traçado de utilizar a astúcia, a palavra e a paciência contra o poder, a riqueza e a força bruta dos Lopes.

Flausina caracteriza sua origem humilde retomando os tempos de infância: “Eu era menina, me via vestida de flôres. Só que o que mais cedo reponta é a pobreza. Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro?” (Rosa, 1968, p. 45)<sup>4</sup>. Sua beleza também é destacada: “linda eu era até a remirar minha cara na gamela dos porcos, na lavagem” (p. 45). Nota-se que essa oposição, aqui expressa pela imagem da beleza remirada na lavagem, se mantém em todo o seu relato, como, por exemplo, na constante oscilação entre sentimentos de satisfação e insatisfação. A maneira como ela se refere, logo a princípio, ao seu nome expressa bem essa ideia: “Eu queria me chamar Maria Miss, reprove meu nome, de Flausina” (p. 45). A narradora, com essa colocação, reitera o aspecto opositivo mencionado, dessa vez expresso pelo embate entre o desejo, de se chamar Maria Miss, e a realidade, de ter Flausina como nome. Inclusive, ao final do conto, quando é retomado o instante da enunciação, percebe-se a que o orgulho da narradora de ter vencido é acompanhado pela amargura da perda da pureza: “De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta de questão

<sup>4</sup> Nas citações, optou-se por manter a grafia original da 2ª edição da obra, por não afetar a compreensão textual. A partir desta citação, todas as referências ao livro **Tutameia**, de Guimarães Rosa, serão feitas, apenas, indicando o número da página.

das saudades?” (p. 48) Desse modo, mantém-se a oposição vista no começo do relato. Os sentimentos de angústia, de tristeza e sofrimento perpassam todo o seu discurso.

Flausina, no momento do seu relato, se encontra no mesmo lugar em que se passaram todas as suas experiências: “Êsses Lopes, raça, vieram da outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam; não fosse Deus, e até hoje mandavam aqui, donos” (p. 45). O espaço da diegese não possui determinações explícitas, a não ser por alguns poucos marcadores, como por exemplo: “outra ribeira”, “aqui” e “na beira do meu terreiro” (p. 47). Desse modo, poder-se-ia considerar tanto o espaço da diegese quanto o da enunciação como “interiorizados”.

Carlos Reis e Ana Cristina Lopes caracterizam o espaço psicológico como constituído “em função da necessidade de evidenciar atmosferas densas e perturbantes, projetadas sobre o comportamento, também normalmente conturbado, das personagens” (1988, p. 205). Esse espaço se caracteriza ainda pela sua manifestação em forma de “monólogo interior” (REIS; LOPES, 1988, p. 266), muito próximo da atitude narrativa de Flausina.

Infere-se que o espaço físico desse lugar seja o do sertão, tanto pela ambientação – conforme demonstra os trechos a seguir: [1] “outra ribeira”, “na beira do meu terreiro” (p. 47) e [2] “Meus filhos, Lopes, também, provi de dinheiro, para longe daqui viajarem gado” (p. 48) –; quanto pela contextualização dos costumes descritos em que a menina é tirada da casa dos pais, a contragosto, para “se casar”, conforme é possível verificar neste trecho: “eu queria enxoval, ao menos, feito as outras, ilusão de noivado. Tive algum? Cortesias nem igreja. O homem me pegou, com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dêle” (p. 45). Percebe-se, portanto, que esse lugar pertence a uma sociedade arcaica, classista e machista; representa um Brasil antes das políticas públicas destinadas às mulheres, como as de enfrentamento às formas de violência, ou, então, da participação das mulheres nos espaços de poder e decisão. Nota-se, atualmente, uma paulatina expansão nos campos de atividades profissionais e mesmo o exercício de cargos políticos elevados, antes exclusividade dos homens. Isso demonstra maior equidade na questão de gêneros. Mesmo no campo artístico, como na literatura, por exemplo, percebe-se a progressiva participação das mulheres, o que indicia uma mudança de mentalidade.

O discurso da narradora, Flausina, é marcadamente oral, e se faz em forma de monólogo, por estar ausente a figura de um narratário. As várias interrogações presentes no conto, além de servirem à própria reflexão da narradora, parecem “testar” o canal comunicativo. Referentemente a isso, seguem alguns trechos: [1] “Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro?” (p. 45); [2] “Tive algum?” (p. 45); [3] “sei as perversidades que roncava?” (p. 46); [4] “os Lopes me davam sossêgo?”

(p. 47); [5]“E o govêrno da vida?” (p. 47) ; [6]“Ao Sertório dei mesmo dois filhos?” (p. 48); [7] “sou de me constar em folhinhas e datas?” (p. 48); e, por fim [8] “De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta de questão das saudades?” (p. 48). Em sua fala, percebe-se, por certo tom emotivo e amargurado, o trauma do passado, principalmente quando ela contrasta os anos de infância com o sofrimento causado pelos anos de convivência com os Lopes.

Observa-se, no conto, a presença de nível narrativo no qual a narradora Flausina se encontra, dirigindo suas palavras diretamente ao(s) ouvinte(s), que é (são) completamente indeterminado(s). Não há qualquer menção a possíveis “relatores” de seu discurso, assim como não há intromissões em sua fala no plano da enunciação. A narração de Flausina mostra como passou da época de inocência para a maturidade, depois de passar anos “nas mãos” dos Lopes, que a sujeitavam aos seus desejos. A narradora relata, ainda, a maneira pela qual se livrou de todos eles, detendo-se em cada caso vivenciado, explicando como se iniciaram e acabaram. É necessário observar mais detidamente como isso se faz no discurso de Flausina.

Ao começar seu relato, a narradora anuncia sua intenção: “quero falar alto” (p. 45). Assim, ela demonstra, logo de saída, seu ódio, sua ira e seu rancor pelos Lopes, incluindo os filhos que com eles teve. Os dois trechos, transcritos a seguir, um que inicia e o outro que encerra o conto, exemplificam tal dado: “Má gente, de má paz; dêles quero distantes léguas. Mesmo de meus filhos, os três” (p.45); “Todo o mundo vive para ter alguma serventia. Lopes, não! – dêsses me arrenego.” (p. 48)

A condição econômica confortável dos Lopes era vinculada a atitudes desmedidas: “Êsses Lopes, raça, vieram de outra ribeira, tudo adquiriam ou tomavam” (p.45). A então menina Flausina, diante desses poderosos Lopes – sendo “órfã de dinheiro” (p. 45) e sem apoio dos pais “para punir” (p. 45) por ela –, inicia sua *via crucis* com Zé Lopes, “rompente sedutor” (p. 45) que, a leva, contrariada, para sua casa, como esposa.

A jovem Flausina, descontente com a situação opressora, passa a agir de modo dúplice, fazendo-se de “miúda, mansa, feito botão de flor” (p. 45) e contendo seus sentimentos: “Mais aprendi lição de ter juízo. Calei muitos prantos.” (p. 45). A personagem relata ter suportado a sujeição pacientemente, conforme demonstra este trecho: “Agüentei aquele caso corporal”(p. 46). Mas, ao mesmo tempo, planejava sua libertação por meio de atitudes e palavras: “Fiz que quis: saquei malinas lábias” (p. 46). Flausina emprega, então, a dissimulação como método para se libertar; usa essa estratégia, inclusive, contra a “preta Si-Ana”, colocada em casa por Zé Lopes para vigiá-la. A esse respeito, evidencia-se o trecho a seguir: “Entendi: a que eu tinha de engambelar, por

arte de contas; e à qual chamei de madrinha e comadre. Regi de alisar por fora a vida” (p. 46). O poder de dissimulação da personagem chega a tal ponto que ela consegue se livrar da “preta Si-Ana”, inventando uma mentira a seu respeito, fazendo, assim, com que ela fosse despedida: “Mandou embora a preta Si-Ana, quando levantei o falso alegado: que ela alcovitava eu cedesse vêzes carnis a outro, Lopes igual – que da vida logo desapareceu, em sistema de não-se-sabe”. (p. 46)

Flausina agiu mascarando suas verdadeiras intenções contra seus opressores, mas cuidou de justificar, a seu(s) interlocutor(es), essas atitudes dissimuladas, sensibilizando-o(s). Para isso, ela expõe, dentre outras formas de violência, a submissão sexual que tanto a oprimia: “Deitada é que eu achava o somenos do mundo, camisolas do demônio” (p. 46). O parágrafo transcrito logo abaixo explicita bem a sua angústia e infelicidade, bem como seu desejo de mudar de vida e “querer outras larguras” (p. 46):

Ninguém põe idéia nesses casos: de se estar noite inteira em canto de catre, com o volume do outro cercando a gente, rombudo, o cheiro, o ressonar, qualquer um é alheios abusos. A gente, eu, delicada môça, cativa assim, com o abafo daquele, sempre rente, no escuro. Daninhagem, o homem parindo os ocultos pensamentos, como um dia come o outro, sei as perversidades que roncava? Aquilo tange as canduras de nôiva, pega feito doença, para a gente em espírito se traspassa. Tão certo como eu hoje estou o que nunca fui. Eu ficava espremida mais pequena, na parede minha unha riscava rezas, o querer outras larguras. (p. 46)

Aqui é notório o tom comovente, também marcado pela indignação. Uma das angústias da narradora está ligada à questão da pureza perdida: “A maior prenda, que há, é ser virgem.” (p. 45). Observa-se, além disso, que o problema da sujeição também está atrelado à carência econômica: “Me valia ter pai e mãe, sendo órfã de dinheiro?” (p. 45). Em função disso, Flausina se esforça para reverter, ao longo da vida, seu estado de privação econômica: “E dê-cá dinheiro. [...] Sem acautelar, êle me enriquecia”. (p. 46). Para cumprir tal intento, a personagem emprega, além da dissimulação, o aprimoramento do trato com as palavras, que deseja conhecer melhor: “Tracei as letras. Carecia de ter o bem ler e escrever, conforme escondida”. (p. 46)

Já decidida a mudar sua situação, a narradora passa, pouco a pouco, a enfraquecer o seu opressor. Assim ela descreve o modo como deu cabo de Zé Lopes, “o pior” (p. 45): “Virei cria de cobra. Na cachaça, botava sementes da cabaceira-preta, dosezinhas; no café, cipó timbó e saia-branca. Só para arrefecer aquela desabada vontade, nem confirmo que seja crime”. (p. 46)

Vê-se, aqui, que a narradora, consciente de seus atos maldosos (“Virei cria de cobra”), questiona sua ação como não sendo criminosa (“nem confirmo que seja crime”). Coloca-se, então,

uma questão moral, que Flausina levanta implicitamente em seu relato: a menina, arrancada de sua inocência para se tornar mulher e que fez de sua libertação objetivo maior, agiu certo ao usar os meios descritos para se livrar desse “povo ruim”, que era os Lopes? Do ponto de vista de Flausina, os assassinatos por ela cometidos se justificam como uma forma de autodefesa, pois, vivendo em um universo machista e classista, provavelmente não lhe restariam muitas alternativas diferentes. Seu discurso, que desde o princípio menciona a agressividade e a desmesura das atitudes dos Lopes, parece se antecipar a uma possível pergunta do leitor: foi correto arquitetar a morte deles? Se, por um lado, o conto pode suscitar esse questionamento, por outro, a narradora faz com que, a esse, esteja atrelada a seguinte ponderação: mas, foi certo padecer tantos abusos, a contragosto?

Como consequência do plano de Flausina, Zé Lopes morre envenenado depois de algum tempo. Mas a narradora não tem paz, pois, logo após a morte de Zé Lopes, relata que outros Lopes ainda desejavam-na como mulher: “Dois deles, tesos, me requerendo, o primo e o irmão do falecido Mexi em vão por me soltar [...] Nicão, um, mau me emprazou: ‘*Depois da missa de mês, me espera...*’ ”(p.47). Sem saída, passa, antes disso, às mãos de Sertório Lopes: “Mas o Sertório, senhor, o outro, ouro e punhal na mão, inda antes do sétimo dia já entrava por mim a dentro em casa”. (p. 47)

Os Lopes se sucedem assim na “posse” de Flausina, como uma herança familiar. A narradora demonstra novamente seu descontentamento e angústia diante da situação imposta: “Padeci com jeito. E o govêrno da vida? Anos, que me foram, de gentil sujeição, custoso que nem guardar chuva em cabaça, picar fininho a couve” (p. 47). Assim, mais uma vez, ela justifica sua atitude de compensar tal sofrimento com a transferência, para si, das posses de seu companheiro. Flausina então revela como conseguiu conquistar o dinheiro de Sertório Lopes: “Total, o quanto era dêle, cobreí, passando ligeiro já para minhas posses; até honra. Experimentei finuras novas” (p. 47). Depois, instigando ciúmes no cônjuge, inventa uma mentira que causa um embate fatal entre Sertório e Nicão Lopes, parentes que disputavam entre si Flausina: “Vi foi êle sair, fulo de fulo, revestido de raiva, com os bolsos cheios de calúnia. Ao outro eu tinha enviado os recados, embebidos em doçura [...] Se enfrentaram, bom contra bom, meus relâmpagos, a tiros e ferros” (p. 47). Após a morte de mais dois Lopes, Flausina não deixa de lado a máscara que adotara, ao dissimular seus sentimentos diante dos moradores do lugar: “Inconsolável chorei, conforme os costumes certos, por a piedade de todos”. (p. 48)

Por fim, a narradora relata como se deu o seu último relacionamento com um Lopes: “Sorocabano Lopes, velhoco, o das fortes propriedades. Me viu e me botou na cabeça. Aceitei, de

boa graça, êle era o aflitinho dos consolos. Eu impondo: *‘De hoje em diante, só muito casada!’* Êle, por fervor, concordou” (p. 47). Aqui, tendo visto que esse Lopes, já idoso, não era truculento, sua estratégia de sobrevivência e transferência de propriedades muda um pouco; ela trata de satisfazer os desejos dele: “bem demais e melhor tratei, seu desejo efetuado” (p. 47). Mas a morte, também a ele destinada pela narradora, se dá de outra forma: “dava a êle gordas, temperadas comidas, e sem descanso agradadas horas – o sujeito chupado de amôres, de chuchurro. Tudo o que é bom faz mal e bem. Quem morreu mais foi ele” (p. 47 - 48). Mais uma vez, a astuta Flausina não deixa de pensar em sua situação financeira: “Daí, tudo quanto herdei, até que com nenhum enjôo” (p. 48). Finalmente, ela acaba com “o povo ruim” dos Lopes, conseguindo finalmente sua libertação.

Agora, remediada, a narradora decide os rumos de sua vida e pode, enfim, escolher seu parceiro, mais jovem que ela: “Deixo de porfias, com o amor que achei. Duvido, discordo de quem não goste. Amo, mesmo. Que podia ser mãe dele, menos me falem, sou de me constar em folhinhas e datas?” (p. 48). Percebe-se, ao final, como já observado anteriormente, que a retomada do momento presente revela certo orgulho, por parte de Flausina, por ter vencido, por si só, as situações difíceis, estando agora com posses e entendimento, ao mesmo tempo em que desponta a tristeza por ter perdido a inocência dos tempos de infância: “De que me adianta estar remediada e entendida, se não dou conta de questão das saudades? Eu, um dia, já fui muito menininha” (p. 48). Mantém-se, portanto, a oposição citada inicialmente, que pode ser sugerida inclusive pela contraposição entre o significado do nome da narradora e o do sobrenome Lopes. Flausina, segundo o Dicionário de Nomes Próprios, em grego é “alegre, feliz”; já Lopes, de acordo com o mesmo dicionário, é originário de “lobo” e, portanto, pode ter, segundo o Dicionário Houaiss Eletrônico, figuradamente o significado de “homem perverso, de maus instintos”.

Pode-se notar que o primeiro e os dois últimos parágrafos do conto remetem ao momento atual da narração, em tempo verbal do presente; enquanto os outros constituem a diegese. Flausina fala, primeiramente, da sua infância, no pretérito imperfeito, conforme é possível verificar nos seguintes trechos: [1] “Eu era menina, me via vestida de flôres” (p. 45); [2] “tirava junto cantigas de roda e modinhas de sentimento” (p. 45); e [3] “linda eu era até a remirar minha cara na gamela dos porcos” (p. 45). Assim, a narradora marca as lembranças mais remotas, referentes ao tempo da inocência pueril, que se constituem em uma memória saudosa do passado.

Com a chegada dos Lopes iniciam-se os seus sofrimentos e a perda da inocência, marcados, terminantemente, pelo tempo verbal do pretérito perfeito: “O homem me pegou com quentes mãos e curtos braços, me levou para uma casa, para a cama dêle. Mais aprendi lição de ter juízo. Calei

muitos prantos. Agüentei aquêlo caso corporal” (p. 45). Seu relato perpassa os anos de sofrimento até o momento em que leva a cabo seu plano de acabar com todos os Lopes que a desejavam. Trata-se de uma narração reveladora de seus martírios, assim como uma espécie de confissão e uma justificativa para seus crimes cometidos no passado.

Ao final, com a retomada do tempo presente, há uma projeção para o futuro em que transmite o desejo de ter uma vida diferente e melhor: “por bem de mim, me venham filhos, outros, modernos e acomodados. Quero o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível” (p. 48). A construção temporal, toda moldada pela memória de Flausina, possui aspecto interiorizado, pois é a partir de suas lembranças que o relato se constrói, como ela mesma diz: “Aos pedacinhos, me alembro.” (p. 45). Como se o tempo de seu relato não fosse ditado pelas “folhinhas e datas” (p. 48), mas sim pelo recorte seletivo de suas lembranças, mostrando a ação e reação dos atos de violência praticados contra ela. Assim, a narradora, além de expor sua estória – comovente e brutal –, defende e justifica suas atitudes do passado, diante do narratário. O relato pessoal de Flausina demonstra como ela, em busca de superar sua angustiante condição de sofrimento e submissão, conseguiu autonomia e liberdade utilizando mecanismos cruéis – o que pode soar como um contrassenso, já que se trata do uso de violência contra a violência.

Como foi visto anteriormente, no relato de Flausina, a emotividade do discurso é marcante, visto que ela retoma os eventos do passado mencionando seus sentimentos. É possível reconhecer aí a chamada função emotiva da linguagem (JAKOBSON, 2007, 123-124). Já Gérard Genette (19-- ) classifica tal discurso como função testemunhal, ou de atestação, considerando que a narradora retoma os sentimentos nela despertados pela estória. Essa atitude de olhar para si mesma, retornando ao seu passado, se perfaz como uma ação em busca de purificação, pela qual transmite toda sua ira pelos Lopes, em uma tentativa de superar seus traumas a partir da atenuação de suas desvantagens – financeira e física – diante de seus opressores.

O autor, ao optar pela narração autodiegética, confere ao conto forte apelo verossímil, colocando as palavras emitidas por sua própria protagonista. Genette aponta para o fato de que a escolha narrativa do autor “não é feita entre duas formas gramaticais, mas entre duas atitudes narrativas” (19--, p. 243), fazendo, pois, com que esse modo de olhar os fatos aconteça a partir de uma perspectiva interna ou externa aos acontecimentos. Confirmam-se. Assim, as considerações feitas acerca da escolha narrativa, de Guimarães Rosa, pelo narrador autodiegético.

As palavras do tempo presente pronunciadas por Flausina apresentam também sinais de orgulho, pela vitória conquistada, e de alívio, pelo fim da sujeição aviltante, ainda que a narradora

traga consigo o ranço pela perda da inocência. Sua narração, que busca ordenar suas vivências de forma lúcida, procura livrá-la do fardo traumático do passado, para poder dar novos rumos à sua vida. Ela pode então, ao menos, tentar responder à questão que antes lhe parecia aflitiva e inviável: “E o govêrno da vida?” (p. 47). Ao cabo dos sofrimentos e das mortes, Flausina ainda tem a possibilidade de conduzir sua vida da maneira que preferir.

Com o relato de Flausina, fica a impressão da experiência de uma pessoa que consegue superar dificuldades aparentemente intransponíveis e que segue caminhando, apesar da “questão das saudades” (p. 48) e dos métodos irascíveis para se livrar de seus opressores. O seu passado cotejado com o presente mostra a transformação de moça “miúda, mansa” (p. 45) em uma mulher que age e faz planos para o futuro. Ela agora pode optar pelas coisas de seu gosto, como, por exemplo, apreciar seu novo amor: “Amo um homem, êle vive de admirar meus bons préstimos, bôca cheia d’água. Meu gôsto agora é ser feliz, em uso, no sofrer e no regalo” (p. 45). Flausina deseja começar uma vida nova, dando rumo diferente à sua vida: “Que em meu corpo ele não mexa fácil. Mas que, por bem de mim, me venham filhos, outros, modernos e acomodados. Quero o bom-bocado que não fiz, quero gente sensível.” (p. 48). Ela se sente, enfim, no direito de escolher o seu companheiro, agora que está remediada, para ter com ele os filhos “modernos e acomodados”. Deseja também “falar alto”, contando as injustiças que suportou, em tom de indignação, tentando aliviar as lembranças ruins que a acompanham.

Nesse final, moderadamente conciliador, ainda nota-se certa mágoa e sofrimento pelo passado opressor. Aí [no final da narrativa], é possível vislumbrar uma característica da “poética” de Rosa, tal qual é expressa no quarto e último prefácio de **Tutameia**, intitulado “Sobre a escôva e a dúvida”. Essa característica não é, na verdade, nada mais que a ideia de livro que professava o vaqueiro Zito, “cozinheiro melhor mais o maior guieiro – e dado em poeta” (p. 161). Essa característica está ancorada na ideia de que “O mal está apenas guardando lugar para o bem. O mundo supura é só a olhos impuros. Deus está fazendo coisas fabulosas”. (p. 165)

Guimarães Rosa parece, com isso, realmente ter adotado para si a “lição” de Zito, pois sua obra ficcional confirma uma atitude positiva frente ao mundo, em que a personagem, diante das adversidades da vida, é ainda alimentada pela esperança de um mundo melhor. Ou em outras palavras, citando Rosa mencionando o vaqueiro poeta: “Pelo que [Zito] pensava, um livro, a ser certo, devia de se confeioar da parte de Deus, depor paz a todos, virtude de enganar com um clareado a fantasia da gente, empuxar a coragens. Cabia ir descascando o feio mundo morrinhento”. (p. 164)

### ABSTRACT

This article aims to analyse “Esses Lopes”, a short story written by João Guimarães Rosa. In this literary text, the narrator, called Flausina, is also the main character. She reports several forms of violence experienced in her youth, as well as the ways she used to get rid of her suffering. First of all, in this analysis we will observe the author's narrative option, recurrent in his works, in a brief attempt to put Rosa's work of art in the Brazilian literary scene. Then the analysis will focus on the theme, very pertinent to the present, violence against women. In this analysis we highlight the way in which the narrator tries to overcome her trauma, creating tricky plans and deadly plots against her oppressors, trying to justify her violent action, with her speech. For the theoretical background were used considerations of Bosi (1988), Genette (19-- ) and Reis; Lopes (1988) to help the analytical work. This article intends to produce reflections about the narrative option and its relevance for the construction of the meanings in this short story.

**Keywords:** Guimarães Rosa. Tutameia. Short story. Violence. Autodiegetic narrator.

### Referências

- BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Ática, 1988.
- BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2008. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional\\_politicamulheres.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/planonacional_politicamulheres.pdf)>.
- FLAUSINO. In: DICIONÁRIO de Nomes Próprios. Disponível em: <<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/flausino/>> Acesso em 01 ago. 2015.
- GENETTE, Gérard. **O discurso da narrativa**. Lisboa: Vega, [19--].
- GONÇALVES, Carolina. Políticas de proteção à mulher avançam, mas ainda há violência no país, diz ministra. **Agência Brasil**, 07 mar. 2013. Seção Nacional. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/agenciabrasil/noticia/2013-03-07/politicas-de-protecao-mulher-avancam-mas-ainda-ha-violencia-no-pais-diz-ministra>>. Acesso em: 02 ago. 2015.
- LOBO. In: HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (CD-ROM)
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- LOPES. In: DICIONÁRIO de Nomes Próprios. Disponível em: <<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br/lopes/>> Acesso em 01 ago. 2015
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ROSA, João Guimarães. **Tutaméia**: terceiras estórias. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1968.
- TRAUMA. In: HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. (CD-ROM)